

# UMA NATUREZA PARTICIPATIVA: A FUNÇÃO SUJEITO EM CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS DE VIDAS SECAS

Camila Brito dos Santos (UERJ)  
[milauff@yahoo.com.br](mailto:milauff@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

As grandes obras da literatura brasileira têm sido alvo de minuciosa interpretação, como comprova a respectiva fortuna crítica, mas a língua em que estão escritas permanece pouco estudada. O presente artigo é um gesto nesse sentido, uma vez que se pretende desenvolver uma análise acerca da relevante promoção de elementos da natureza<sup>131</sup> à função argumental de sujeito<sup>132</sup> no romance *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos. Esse fenômeno ocorre muitas vezes em construções resultativas (de mudança de estado) tendo o elemento da natureza como sendo o agente/causador dos eventos designados pelos verbos. Entendendo que a linguagem revela a conceptualização da experiência, buscar-se-á subsídios teóricos na linguística cognitiva, mais precisamente na gramática de construções de Goldberg (1995), para entender como essas construções revelam a percepção de mundo dos personagens e como se relacionam ao sentido geral da obra.

*Vidas Secas* tem como pano de fundo o sertão nordestino e em cena estão cinco personagens da mesma família de retirantes: o vaqueiro Fabiano, sua mulher Sinha<sup>133</sup> Vitória, dois filhos e a cadela Baleia. É fa-

---

<sup>131</sup> Toma-se como elemento da natureza os fenômenos climáticos e os seres vivos que compõem o cenário do sertão nordestino, visto que o espaço narrativo da obra mimetiza o espaço real. Consideram-se também as metonímias e metáforas que se relacionam a tais elementos, não as entendendo como recurso expressivo artificial, mas como parte de um processo cognitivo que se manifesta por meio delas, consoante Lakoff & Johnson (2002).

<sup>132</sup> Entende-se sujeito como o argumento do verbo que concorda com ele em número e pessoa e que pode assumir diversos papéis (agente, causador, paciente, etc.), de acordo com a construção da cena em que é perfilado como figura. Essa definição, estabelecida nesse artigo, baseia-se nos referenciais teóricos da linguística cognitiva, uma vez que esta não se limita apenas a critérios formais de análise. Consideram-se aqui também os aspectos semânticos e pragmáticos, de modo a melhor descrever a conceptualização dos eventos e de seus participantes por meio da estrutura sintática.

<sup>133</sup> Conforme grafia das várias edições consultadas, inclusive a constante da bibliografia.

to consensual na fortuna crítica a profunda relação existente entre os personagens desse romance e o ambiente natural que caracteriza o espaço da narrativa. Cândido também observa que, “em lugar de contentar-se com o estudo do homem, Graciliano Ramos o relaciona aqui intimamente ao da paisagem, estabelecendo entre ambos um vínculo poderoso, que é a própria lei da vida naquela região” (1966, p. 15). Andrade (2009) ainda acrescenta que a caracterização da natureza fará parte não só da paisagem, como também adentrará no espírito das personagens, as quais são fisicamente secas e psicologicamente áridas também. Segundo sua análise, o clima, a seca agridem demasiadamente a vida da família, levando-os a uma condição subumana. Dessa forma, pode-se entender que o romance está longe de ser apenas um documento sobre a terra, a linguagem, a cultura e as peculiaridades do povo que a habita, mas se trata de uma enunciação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende: além do poder policial, do poder econômico, das convenções do vestuário, da linguagem, a natureza é imperativa e indomável.

De acordo com a linguística cognitiva (LC), as experiências sensorio-motoras mais básicas do ser humano são trazidas para a linguagem. Percebemos o mundo fisicamente através de nossos sentidos e essas percepções se estruturam por meio das construções em que as formas lexicais se ajustam para gerar sentido. Em *Vidas Secas* é o narrador onisciente quem organiza e traduz por meio da linguagem as experiências corpóreas dos personagens, descrevendo um conjunto de conhecimentos provenientes delas. As estruturas linguísticas escolhidas parecem ter a função de simbolizar as cenas que vivenciam, sobretudo as mudanças geradas espontaneamente pelo ambiente que os cercam e que age diretamente na vida deles. Assim, a forma linguística apresentada no romance é uma pista para a percepção das experiências da família de retirantes.

Uma leitura do romance, mesmo que superficial, permite que seja percebida essa natureza viva, que parece deter uma potência transformadora. No entanto, pouco se analisou acerca da estrutura linguística que gera esse efeito de sentido, sobretudo em relação à sintaxe, visto que a maioria das pesquisas que utilizam esse romance como objeto de estudo focam-se na exegese interpretativa. É possível notar várias construções em que um elemento da natureza encontra-se na posição de sujeito como agente/causador, ou como ser afetado de construções resultativas, ou seja, construções em que se verifica mudança de estado. Essas construções foram descritas por Goldberg (1995), como parte do seu modelo de Gramática de Construções e, posteriormente, tal análise foi refinada por

Goldberg & Jackendoff (2004). Sobre a língua portuguesa, temos trabalhos como o de Silva (2001) e o de Leite (2006), que analisam o mesmo fenômeno a partir do ponto de vista de Goldberg, porém mais voltados para as idiosincrasias de nosso idioma. Assim, este trabalho tomará por base pressupostos teóricos convergentes desses autores, interessando particularmente suas considerações sobre as construções resultativas e como elas projetam a percepção de mundo dos personagens de *Vidas Secas*. Além disso, a descrição dessas construções será relacionada à das vozes verbais, de modo a entender os mecanismos de proeminência dada ao sujeito.

## **2. A gramática de construções segundo GOLDBERG (1995)**

Goldberg (1995) propõe um modelo para a gramática de construções (GC) tendo como objeto de estudo construções envolvendo verbos e sua estrutura argumental. Entendendo construções como correspondências forma-significado que existem independentemente de verbos específicos, ela postula que construções de cláusulas elementares estão associadas a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana.

Dessa forma, as estruturas sintáticas de uma língua não podem ser adequadamente descritas segundo critérios apenas formais (sintáticos ou morfossintáticos), nem como projeções das propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que nelas se integram. Apesar das singularidades de cada evento e da variedade de meios de expressão linguística disponíveis, existem determinados esquemas conceptuais linguisticamente codificados em padrões ou esquemas sintáticos. Sendo assim, os diferentes significados que o verbo assume são decorrentes de sua integração com o significado da própria construção e não precisam ser atribuídos a idiosincrasias do próprio verbo. São as construções que especificam e restringem de que modo os verbos irão combinar com elas.

É por essa razão que apenas conhecimento do significado de cada um dos itens lexicais não vai ser suficiente para a compreensão da expressão como um todo. Seria excessivo considerarmos que uma forma verbal pode ter diversas acepções e que assimilamos todas elas e todas as suas realizações possíveis. Isso, obviamente, iria de encontro ao princípio de economia linguística. Bernardo (2006), em consonância com Goldberg, afirma que as extensões de sentido observadas no emprego de certos verbos só são possíveis, porque os falantes armazenam padrões cons-

trucionais, e não informações sobre os itens lexicais individualmente. No entanto, isso não quer dizer que o significado de um item lexical não vai influenciar a significação como um todo; é apenas fundamental ter em mente que ela se constrói em duas vias: da construção para o constituinte e do constituinte para a construção.

Goldberg também apresenta cinco tipos de construções do inglês, propostos por, na forma de sentenças básicas que codificam eventos comuns na experiência humana, tais como ‘alguém faz com que algo ou alguém se mova de um lugar a outro’, ‘alguém faz com que algo ou alguém seja modificado’ etc. Sendo assim, um verbo é membro de uma classe de verbos que é convencionalmente associada a uma construção, então, os papéis desempenhados pelos participantes do verbo podem ser semanticamente fundidos com os papéis argumentais da construção. A fusão entre eles obedece ao *princípio da coerência semântica*, de acordo com o qual somente os papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos; e o *princípio da correspondência* segundo o qual cada papel participante escolhido no léxico precisa ser fundido com um papel argumental da construção. Isso quer dizer que, para um elemento aparecer concretamente em uma sequência sintática, deve corresponder a um papel previsto na configuração da construção. Eis as cinco construções:

CONSTRUÇÃO	SIGNIFICADO
<b>Bitransitiva</b> – SUJ-V-OD-OI	X causa Y receber Z
<b>Movimento causado</b> – SUJ-V-OD-OBL	X causa Y mover-se para Z
<b>Resultativa</b> – SUJ-V-OD-PRED	X causa Y tornar-se Z
<b>Movimento intransitivo</b> – SUJ-V-OBL	X move Y
<b>Conativa</b> – SUJ-V-OBL	X direciona ação para Y

**Quadro 1 – Construções básicas para estrutura argumental (GOLDBERG, 1995 *apud* BERNARDO, 2006).**

Silva (2001) nos apresenta as construções mais recorrentes em português, excluindo os casos das construções conativas, provavelmente porque esse tipo de construção se aproxima das bitransitivas que apresentam a omissão do objeto transferido.

CONSTRUÇÃO	SIGNIFICADO	ESQUEMA CONCEPTUAL
<b>Transitiva</b> – SUJ-V-OD	X age sobre Y / X experiencia Y	‘fazer’ / ‘experienciar’
<b>Bitransitiva</b> – SUJ-V-OD-OI	X faz com que Y seja recebido por Z	‘transferir’
<b>Movimento causado</b> – SUJ-V-OD-OBL	X faz com que Y se desloque para Z	‘mover’

<b>Resultativa</b> – SUJ-V-OD-PRED	X faz com que Y se torne/fique Z	'mover'
---------------------------------------	-------------------------------------	---------

Quadro 2 –

Construções básicas para estrutura argumental em português, segundo Silva (2001).

### 3. As construções resultativas

As construções resultativas são aquelas que comportam a ideia de que X faz Y tornar-se Z, ou seja, um sujeito que faz com que um objeto resulte em uma mudança de estado, passando de um estágio inicial a outro final. Consoante a autora, as construções resultativas mais básicas são caracterizadas pela existência de um sintagma resultativo (SR), entendido como a representação de uma mudança de estado expressa no polo sintático da construção através de um sintagma preposicional (SPrep) ou mesmo de um sintagma adjetival (SAdj):

*João quebrou o vidro em pedaços. (SPrep)*  
*Maria assou o bolo solado. (SAdj)*

Segundo Leite (2006), em português, é mais comum ocorrer a lexicalização<sup>134</sup> do resultado no verbo e, dessa forma, tanto não ocorre o argumento resultativo isolado na sentença como SAdj, quanto é pouco frequente a presença dele como SPrep.

*João despedaçou o vidro.*  
(João fez com que o vidro ficasse *em pedaços*)

Em decorrência da inexistência de palavras/expressões sinônimas perfeitas na língua, uma vez que não haveria por que comportar dois termos para expressar a mesma ideia, as formas de construções resultativas com SR externo se diferenciam daquelas com SR interno. O referido autor aponta que ambas resguardam valores pragmático-discursivos que as distinguem em seu uso cotidiano e o verbo lexicalizado parece revelar uma ação com maior grau de intencionalidade.

Goldberg & Jackendoff (2004) dividem as construções resultativas em transitivas, quando um objeto direto se segue ao verbo; e em intransitivas, quando não há presença desse argumento interno desse verbo depois dele.

---

<sup>134</sup> O autor entende lexicalização como a maneira de referir-se a um termo que sofre uma petrificação, qualquer idiosincrasia constatada em operações morfológicas.

### *O vidro quebrou em pedaços.*

Os autores também consideram o sintagma nominal passível de mudança de *é* chamado de *host* ou *hospedeiro*.<sup>135</sup> Nas resultativas transitivas quem *é* o hospedeiro, normalmente, *é* o objeto, como o *é* “*o vidro*” na sentença “*José quebrou o vidro em pedaços*”. Todavia, nas resultativas intransitivas (isto *é*, resultativas com verbos inacusativos), esse hospedeiro passa a ser o sujeito, como em “*o vidro quebrou em pedaços*”. Neste caso a ideia essencial de resultado *é* aplicada a um argumento paciente.

#### **4. As construções resultativas em *Vidas Secas***

É de nosso conhecimento de mundo o entendimento de que a natureza muda espontaneamente a todo o momento e de que tais mudanças influenciam diretamente na vida das pessoas. É muitas vezes complexo entender ou explicar os fenômenos da natureza e suas origens; apenas sentimos sua potência transformadora e indomável. *Vidas Secas*, como toda obra literária, busca mimeticamente representar a experiência humana, e uma das mais básicas delas *é* a mudança de estado relacionada aos aspectos naturais, a qual *é* conceptualizada e revelada pela expressão linguística na voz do narrador por meio das construções resultativas. Bernardo (2006) nos diz que o sentido de uma construção *está* relacionado a um enquadre (*frame*) semântico subjacente à cena representada parcial e simbolicamente pela expressão verbal. Esses enquadres integram o conhecimento de mundo partilhado pelos usuários da língua, que podem codificar a cena de diferentes formas, colocando em foco determinados participantes e preterindo outros. No texto de *Vidas Secas*, há ocorrência tanto de construções resultativas transitivas quanto intransitivas (inacusativas), apresentando o resultado lexicalizado no verbo. Ambas traduzem as transformações da natureza que rodeiam os personagens, no entanto, parece que a cena expressa por cada uma delas se diferencia. De qualquer forma, como a construção resultativa pressupõe a configuração de um estado prévio e um estado posterior, há sempre uma característica que *é* atribuída, em ambos os casos, ao elemento que sofre a alteração, passível de atribuição ao mesmo.

---

135 Tradução proposta por Leite (2006)

#### 4.1. Construções resultativas transitivas

As construções resultativas transitivas em *Vidas Secas* trazem o elemento da natureza na posição sujeito como causador do processo de mudança de estado, e o objeto como paciente, sendo este designado por seres humanos ou mesmo por elementos da própria natureza. Eis alguns exemplos:

- (1) (...) temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul **que deslumbrava e endoidecia** a gente. (I,21)136
- (2) **As noites cobriam** a terra de chofre. (I,22)
- (3) **As vacas povoariam** o curral (...) (I,30)
- (4) Ali perto **a nuvem escurecia** o morro. (I,34)
- (5) **A areia fofa cansava-o** (II,2)
- (6) Olhou a catinga amarela, que **o poente avermelhava** (II, 39)
- (7) **Um pé de vento cobria** de poeira a folhagem das imburanas (V,11)
- (8) O ar **que** entrava pelas rachas das paredes **esfriava-lhe** uma perna, um braço, todo o lado direito. (VII,26)
- (9) **Uma noite de inverno**, gelada e nevoenta, **cercava** a criaturinha. (IX, 35)
- (10) **As arribações matavam** o gado. (XII, 6)
- (11) Agora Fabiano examinava o céu, a barra **que tingia** o nascente (...) (XIII, 6)
- (12) **Os mandacarus e os alastrados vestiam** a campina, espinho, só espinho. (XIII,12)

---

136 De modo a padronizar a referência aos trechos de *Vidas Secas*, as orações em análise extraídas do romance trarão o verbo em foco na construção sublinhado e o sujeito em negrito e serão localizadas por dupla numeração: romana para o capítulo (de I a XIII) e arábica para o parágrafo. Consideraremos parágrafo todo segmento identificado na mancha por meio do espaçamento padrão, seja texto do narrador, seja fala do personagem (até mesmo uma simples interjeição), seja ainda uma combinação dos dois; oração como enunciado contendo o verbo e seus argumentos e sujeito como , incluindo os pronomes relativos. Os sujeitos elípticos são indicados por meio de colchetes. Todas os fragmentos numerados são constantes de Ramos (2008).

(13) Olhou as sombras movediças **que enchiam** a campina. (XIII, 28)

Vê-se que os papéis participantes se fundem aos papéis argumentais, de acordo com os *princípios da coerência semântica e da correspondência*, mencionados anteriormente. Leite (2006) afirma que a Construção Resultativa, assim, só pode se aplicar a argumentos que, potencialmente, deem suporte a uma mudança de estado como resultado de uma ação denotada pelo verbo e os termos escolhidos nesse contexto parecem estar de acordo com esse critério. É fácil perceber que seria possível parafrasear os exemplos, desfazendo-se a lexicalização do resultado e preenchendo com os argumentos o esquema “X faz com que y se torne Z”. Observe a paráfrase do trecho (3):

Ali perto **a nuvem escurecia** o morro. (I,34)

*Ali perto a nuvem fez com que o morro se tornasse escuro.*

Esse tipo de construção resultativa é entendido por Goldberg & Jackendoff (2004) como resultativa de propriedade causativa, na qual a mudança de estado é aplicada a um SN que se projeta como passível de alteração de característica (e, portanto, também transitiva). Quem causa essa mudança é o argumento que representa o *Causador* (Ca) ou *Agente* (Ag). No caso do papel temático Ca, atribuído ao sujeito sintático do verbo principal, percebemos uma natureza menos intencional dele, ao contrário do papel Ag que resguarda consigo um caráter mais volitivo. Nota-se nos fragmentos de *Vidas Secas* um caráter menos volitivo, até porque as mudanças geradas pela natureza estão longe de serem intencionais. Assim, o sujeito seria chamado de *Causador*, não de *Agente*.

#### 4.2. Construções resultativas intransitivas

As construções resultativas intransitivas, muito recorrentes em *Vidas Secas* e na língua portuguesa como um todo<sup>137</sup>, não apresentam um argumento interno passível de mudança de estado; esse papel é exercido pelo sujeito, que não funciona como causador, mas como paciente.

---

137 Essa conclusão quantitativa de que as resultativas intransitivas são as mais comuns das resultativas em língua portuguesa também foi extraída do trabalho de LEITE (2006).



Goldberg (1995) aponta que a mudança de estado deve ter um elemento instigador (animado)<sup>138</sup>. Somente um argumento instigador animado pode ser aceito como sujeito em uma Construção Resultativa de dois argumentos. Se ele não estiver expresso, a ocorrência é de inacusatividade. Entretanto, isso não quer dizer que o sujeito seja necessariamente o agente, uma vez que o caráter intencional não é pré-requisito para sua compatibilidade à construção. A presença do agente causador que só é compreendido e percebido em função do conhecimento de mundo que temos, ou seja, da retomada da cena básica invocada pelo verbo e pela construção.

Eis algumas das construções resultativas intransitivas, de propriedade não causativa, presentes em *Vidas Secas*:

- (14) **O poente cobria-se** de cirros. (I,27)
- (15) **O gado aumentava** (...) (II, 36)
- (16) (...) tentou pensar nas estrelas **que se acendiam** na serra. (VI, 31)
- (17) **A catinga amarelecera**, [a catinga] **avermelhara-se** (...) (VII, 11)
- (18) (...) **as árvores se enfeitariam** (VII, 23)
- (19) **O barreiro** também se **enchera**. (VII, 26)
- (20) **O nevoeiro engrossava** (...) (IX, 26)
- (21) **a terra se amaciava**. (IX, 37)
- (22) **a catinga deserta animava-se** (XI, 3)
- (23) Àquela hora **o mulungu do bebedouro**, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, **enfeitava-se** de penas. (XII, 6)
- (24) (...) **os espinhos secariam**. (XII, 8)
- (25) As bichas excomungadas [as arribações] eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, **a seca se extinguiria**. (XII, 18)

---

138 Nesse caso, entendemos que há personificação da natureza de *Vidas Secas*, uma vez que os elementos naturais são claramente entendidos como geradores de mudança, e, portanto, animados, da mesma maneira que o são os seres humanos. Esse entendimento é respaldado por Lakoff & Johnson (2002) e corrobora para o entendimento da natureza como viva e autônoma.

(26) (...) **as folhas secas** se *pulverizavam*, trituradas pelos redemoinhos, e **os garranchos** se *torciam*, negros, torrados. (XIII, 1)

O sujeito, nesses casos, apresenta-se como paciente. Esse tipo de construção parece sugerir a espontaneidade dos eventos naturais, que é alvo da mudança de resultado sem a expressão de um causador específico. É como se a natureza mudasse a si mesma e aos demais de maneira autônoma e os resultados fossem plenamente perceptíveis, ainda que não se soubesse o que exatamente os provocaram.

Claramente nota-se uma oscilação entre o uso ou omissão do pronome “se” nas construções resultativas não causativas, entendidas como intransitivas (inacusativas). Uma análise superficial poderia levar a crer que as construções listadas com “se” são reflexivas, ou seja, apresentam sujeito agente e paciente ao mesmo tempo, conforme a análise tradicional. Para se compreender melhor essa alternância, torna-se fundamental apresentar uma discussão acerca das vozes verbais.

##### 5. *As vozes verbais e o sujeito: perfilamento e proeminência*

Entendendo que um sintagma nominal ao se vincular a um verbo contrai com ele uma relação sintática e uma relação semântica e que os papéis exercidos pelos constituintes são categorias mentalmente construídas, Azeredo (2008) define voz como a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico ao respectivo sujeito. Segundo ele, a voz é o recurso usado para marcar um lugar proeminente na hierarquia informacional, uma vez que a organização sintática do enunciado, associada aos significados léxicos das palavras, reflete a maior relevância atribuída a uma das partes da oração. O autor, assim como Goldberg, não vê divisão exata entre os níveis de análise da língua, ao apontar que a escolha da voz tem motivações discursivas e pragmáticas. Quando se deseja dar um papel proeminente ao sujeito agente/causador da ação, utiliza-se a voz ativa; quando, ao contrário, deseja-se destacar o paciente, ou omitir o agente, utiliza-se a voz passiva ou a voz média (como veremos a seguir). Por outro lado, quando se percebe uma confluência entre os papéis de agente e paciente no argumento sujeito, a voz é denominada reflexiva. O que as distingue é o ponto de vista do observador.

Azeredo (2008) afirma também que os diferentes efeitos de explicitação ou apagamento do agente, análogos à oscilação entre a voz passiva e ativa, frequentemente são realizados por outro tipo de variação sin-

tática. Essa oscilação se daria em verbos ora empregados como transitivos, ora empregados como intransitivos, ainda que em ambos se possa perceber uma mudança de estado. Nota-se essa oscilação nesses trechos de *Vidas Secas*:

Olhou a catinga amarela, que **o poente avermelhava** (II, 39)

**A catinga amarelecera**, [a catinga] **avermelhara-se** (...) (VII, 11)

No primeiro trecho, o poente, entendido como ser animado, é causador da mudança de estado da catinga<sup>139</sup>. Ela, de amarela, passou a vermelha, resultado final do processo lexicalizado no verbo. No segundo trecho, no entanto, há omissão do causador. É fundamental ressaltar que, mesmo se tratando de um processo de transformação semelhante ao primeiro, neste trecho a ausência do causador sugere que os eventos ocorram espontaneamente, enquanto no primeiro infere-se que uma ação de um elemento natural gerou a mudança de outro. Assim, temos diferentes cenas enquadradas nos dois trechos.

Nota-se também que, no segundo trecho, há dois verbos intransitivos, um sem o pronome “se”, o outro com sua presença. Em ambos, percebe-se a não atribuição de papel semântico de causador ao sujeito, mas de paciente. Por essa razão, não se pode entender o “se” como índice de voz reflexiva; o sujeito, nesse caso, é apenas o ser afetado pelo processo resultativo, enquanto na voz reflexiva ele acumularia os papéis de agente e paciente.

O referido autor reforça essa ideia ao mencionar que a flutuação entre o papel semântico do sujeito nas construções ditas pronominais gera controvérsia em torno da chamada voz reflexiva. Somente em uma parte dos casos há convergência do agente e paciente no argumento externo; nos demais casos, em que o sujeito não é agente, apenas paciente, a construção pronominal realiza o que muitos linguistas chamam de voz média. Seria um meio termo entre a voz ativa e passiva, em que a fonte ou causa do estado descrito pelo verbo está, em qualquer caso, fora do sujeito, sendo esta nem sempre identificada na oração, e o sujeito é um

---

139 O papel sintático de argumento interno do verbo é desempenhado pelo pronome “que”, no entanto, semanticamente entendemos que o referente do pronome é “a catinga amarela”. Entende-se que é possível fazer a relação entre os papéis participantes e os papéis argumentos a partir do contexto.

ser afetado. Além disso, o verbo se mantém na forma simples (correspondente à voz ativa). Sendo assim, a voz média aparece em todas as ocorrências de construções resultativas intransitivas citadas no artigo.

Langacker (*apud* ALMEIDA et al., 2010) designa um conjunto de mecanismos responsáveis pela nossa capacidade de conceptualizar uma mesma situação de diferentes maneiras. Dependendo da intenção de quem fala, a cena construída irá variar significativamente. Um dos recursos gramaticais utilizados para se cumprir a função de oferecer essas alternativas é a escolha da voz verbal. No nível da estrutura argumental, pode-se perceber, nos termos de Langacker, que há uma parte destacada, o perfil, o sujeito, a partir de uma base. Observe as possíveis alternativas à sentença abaixo, extraída de *Vidas Secas*.

**Um pé de vento *cobria*** de poeira a folhagem das imburanas  
(V, 11)

**A poeira** cobria a folhagem das imburanas.

**A folhagem das imburanas** se cobria.

As três sentenças acima fazem referência a um mesmo enquadre, uma cadeia agentiva que se origina no agente (Um pé de vento), passa para o instrumento (poeira) e termina no paciente (a folhagem das imburanas). Embora a cena seja a mesma, cada sentença constrói o cenário à sua própria maneira, ao permitir que diferentes elementos sejam perfilados ou deixados na base. Na primeira frase, toda cadeia agentiva é perfilada. Na segunda, perfila-se apenas o instrumento e o paciente, e o agente passa a ser pressuposto, ficando na base. Na terceira, somente o paciente é perfilado e todo o restante da cena comporá a base.

Dessa forma, pode-se dizer que a escolha do sujeito reflete o perfilamento de cada tema e, conseqüentemente, a trajetória do fluxo de energia. O único que não deve deixar de permanecer em cena é o paciente. De acordo com Goldberg & Jackendoff (2004), o processo resultativo deve alcançar um ponto final, no qual se dará a mudança de resultado. Dessa forma, torna-se obrigatória a presença do paciente na estrutura argumental, independente do perfilamento da cena. No caso de haver dois participantes na cadeia agentiva perfilados, ainda assim um deles terá maior grau de saliência.

**As vacas *povoariam*** o curral (...) (I, 30)

Nota-se que “as vacas”, o causador, é mais proeminente que o paciente “o curral”. Pode-se entender então que o primeiro é o trajector, e o

segundo, o marco, conforme a terminologia de Langacker, que representam, respectivamente, figura e fundo.

**As vacas povoariam** o curral.  
TRAJETOR MARCO  
(TRAJECTOR) (LANDMARK)

É como se a atenção se concentrasse mais em uma porção restrita da cena. Sendo assim, pode-se perceber que a escolha da voz verbal influencia diretamente na expressão da experiência, influenciando os elementos que se quer destacar nas cenas. Em *Vidas Secas*, a promoção dos elementos da natureza à função de sujeito é uma provável estratégia de proeminência, uma vez que tais elementos influenciam diretamente na vida dos personagens.

## 6. Considerações finais

A partir dos referenciais teóricos utilizados neste artigo, pode-se concluir que as sentenças de *Vidas Secas* apresentadas retomam cenas de mudança de estado, em que se tem um elemento gerador da mudança, mesmo que não obrigatoriamente mencionado, e um elemento sobre o qual incide o resultado final, de existência obrigatória. Além disso, a relevante promoção de elementos da natureza à função argumental de sujeito, tanto em construções resultativas transitivas, quanto intransitivas, revela um destaque dado aos elementos da natureza na obra, por meio do sistema de vozes. É nesse sentido que se nota que essas estruturas linguísticas usadas no romance são uma pista para a percepção de mundo dos personagens de *Vidas Secas* e corroboram para a interpretação do texto, além da mera exegese interpretativa.

Sendo assim, pode-se dizer que os fatores semânticos e pragmáticos são importantes para a compreensão das construções gramaticais. De acordo com o ponto de vista da gramática de construções, é fluida a divisão entre os níveis de estudo da língua (léxico, semântica, pragmática, morfologia, sintaxe), os quais são complementares na construção do sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. L. L. et al. Breve introdução à linguística cognitiva. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010, v. 1, p. 15-50.

ANDRADE, Luís Eduardo da Silva. A natureza monstruosa em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. *Mafuá, Revista de Literatura em Meio Digital*. N. 11. 2009. Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/numero11/mafua11.html>. Acesso em: 25-07-2011.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CÂNDIDO, A. *Graciliano Ramos: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

BERNARDO, S. Olha só: Uma construção de movimento causado presumido. *Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, dez. 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago, 1995.

GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, Ray. The English resultative as a family of constructions. *Language: Journal of the Linguistic Society of America*, Washington, v. 80, n. 3, p. 532-568, set. 2004.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2006. 205 fls. Tese de doutorado em língua portuguesa.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 100. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Augusto S. A linguística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, n. 1, 59-101. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2001.